REPRODUÇÃO PROIBIDA

REPRODUÇÃO PROIBIDA

QUANDO OS BOBOS UIVAM

REPRODUÇÃO PROIBIDA

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Onésimo Teotónio Almeida

QUANDO OS BOBOS UIVAM

REPRODUÇÃO PROIBIDA

CLUBE DE AUTOR

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

A presente edição segue a grafia
do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

© 2013, Onésimo Teotónio Almeida
Direitos para esta edição:
Clube do Autor, S. A.
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 – 6.º
1050-019 Lisboa, Portugal
Tel.: 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21
info@clubedoautor.pt

Título: *Quando os Bobos Uivam*
Autor: Onésimo Teotónio Almeida
Revisão: Henrique Tavares e Castro
Paginação: Júlio Carvalho – Artes Gráficas
em caracteres Revival
Impressão: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-724-086-7
Depósito legal: 358 115/13
1.ª edição: maio, 2013

www.clubedoautor.pt

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Índice

1. Paraquedas 13

2. O ja...to (ou *There she blows!*) 15

3. Por ares nunca dantes... 83

4. Jean-Charles, amor de calções 103

5. Forjão Mentes-Me-Sinto 141

6. Nota posfacial 197

REPRODUÇÃO PROIBIDA

REPRODUÇÃO PROIBIDA

REPRODUÇÃO PROIBIDA

À Leonor,
ao Pedro & Shara,
ao Duarte
e à Tatyana.
Ficção por ficção,
viva a real.

REPRODUÇÃO PROIBIDA

– Tu tens medo dos lobos, tontinha!? – pronunciou Louvadeus em tom amável de repreensão. – Olha que os lobos são bichos valentes, bichos simpáticos. [...] – Medo do homem, sim, do homem ladrão, do homem fera! Os lobos não metem medo.

Aquilino Ribeiro, *Quando os Lobos Uivam*

REPRODUÇÃO PROIBIDA

REPRODUÇÃO PROIBIDA

PARAQUEDAS

Estas estórias estavam para aparecer sem paraquedas diante dos leitores e isso não era a maneira mais civilizada de servi-las. De facto, é sempre bom o empregado de mesa indicar aos clientes os pratos que podem sair da cozinha.

Os contos deste livro não são tradicionais. Apresentam-se até em forma de diário. Todos eles. E no entanto este livro não é um diário. Trata-se apenas de tomar de empréstimo esse género literário, feito de átomos isolados em dias.

A tragédia clássica desenvolve-se num só dia, mas estas, pelo menos algumas, quase-tragicomédias de trazer por casa precisam de pelo menos uma semana (no caso mais curto) para se desenrolarem. As personagens estão longe de possuirem a hubris *dos portentosos heróis gregos, mas também os tempos que correm são suficientemente trágicos para que a literatura acabe sendo chamada a desempenhar uma função menos nobre e não menos necessária: a de ajudar o leitor a furar as nuvens espessas de escuro de onde D. Sebastião nunca sai. Os tempos vão maus. Na verdade, a velha militância que competia às letras vê-se hoje muita vez substituída por esse*

REPRODUÇÃO PROIBIDA

papel somenos de semear um pouco de alienação, de fuga do real. Daí estas estórias. Que, por sinal, nem conseguem libertar-se dele, mas nem por isso se resignam a ficar-lhe agarradas. Elas expõem afinal os labirintos da vida, tão estranhos, tão inescrutáveis, tão abstrusos que só quem anda a dormir tem necessidade de sonhar, ou melhor (falamos de literatura) de inventar.

Vamos então a isso. Quando os bobos uivam, até os lobos precisam de recolher à toca para recuperarem alguma paz. E levam consigo um livro.

o.t.a
Providence, Rhode Island

REPRODUÇÃO PROIBIDA

O JA...TO (OU *THERE SHE BLOWS!*)

A José Enes

Call me Ishmael. Chamem-me…? Não. *Tratem-me* é tradução melhor. Sim: Tratem-me por Ismael. Fui jornalista na ilha, no tempo em que acabaram com a caça à baleia (quem não é da ilha diz *pesca* e a gente vê logo que é de fora. Tal como se, em vez de jato, eu escrevesse «bufo», como os baleeiros lá chamam o cavernoso ronco que acompanha o jorro de água da baleia antes de mergulhar). E ainda não se tinham lembrado, como agora, de ganhar algum fazendo-se amigos dela. Bom, estudei umas coisas nos livros insulares, até as voltas do destino me levarem para outras paragens do planeta onde nunca sonhara dar com os ossos. Por ironia, vim mesmo encalhar nas imediações da cidade baleeira por onde andou Melville, o Herman do *Moby-Dick*, esse livro estranho sobre a enigmática saga do capitão Ahab a bordo do Pequod na perseguição de um cachalote, a baleia branca que lhe destruíra o barco e levara parte da perna, razão da sua grande sede de vingança.

Mas não será sobre nada disso a narrativa que trago ao estimado leitor e à simpática leitora (porque, se estão a ler-me,

REPRODUÇÃO PROIBIDA

são mesmo isso: *estimado* e *simpática*), e eu desviei-me, talvez inconscientemente. No entanto, já que falei em perseguição (a famosa *chase* do clássico), poderia até assegurar que o fascínio pelo jornalismo me perseguiu a ponto de me levar a matricular-me num curso superior de Jornalismo. Doutorar-me nesse campo em Portugal nos meus juvenis anos seria impossível. Nos States, porém, estava-me tudo à mão. Aliás, creio, o que já deveria ter escrito é que desenvolvi um quase fanatismo pela perseguição de factos. Pelo-me por eles. Em New Bedford, quando pela primeira vez entrei no Whaling Museum e deparei com a réplica de um clássico da baleação, o Lagoda, reproduzido em metade do tamanho natural, imaginei-me Atlântico fora numa viagem de baleeiros meus patrícios vindos das *rocky shores* dos Açores, aqueles sobre quem Melville diz, no capítulo 27, desconhecer-se o porquê de serem eles os melhores baleeiros (e, em abono da verdade, outros insulares, como os também por ele mencionados islandeses e caboverdianos). Essa viagem nunca aconteceu porque entretanto me saiu na rifa um lugar de Assistente de Jornalismo numa universidade das redondezas e o facto é que o meu ideal profissional – a saga em cata de factos – se orientou para a teoria. Mas ainda hoje continuo preso ao fascínio da caça (na prática) aos factos. *Yet I mean to give the truth of the thing.* Até a viagem, ténue e pálida réplica da do capitão Ahab, para que convido quem quiser aventurar-se por estas páginas dentro, mais não é senão isso (a obsessão com os factos às vezes produz diários, como ocorreu neste caso). Dispensarei os rituais da ida à Whaleman's Chapel e não haverá sermão, como também não chegaremos ao Pacífico, mas garantida fica desde já (este *já* aqui é advérbio de agitação e turbulência, como adiante se verá) uma visita à Patagónia. Lamentavelmente, porém, sem Melville. E mais

REPRODUÇÃO PROIBIDA

um outro segredo apenas revelado entre cúmplices: a vingança do capitão Ahab na sua louca perseguição é um desperdício de energia e uma perda do pouco tempo com que a vida nos contempla. Por isso a narrativa que se segue será rasteira se comparada com a dimensão épica do clássico *Moby-Dick*. Porque não aspirou a tê-la, nem também a merece. Ao fim e ao cabo, um único registo nos une em sintonia: *Truth hath no confines*. Aos leitores não familiarizados com o inglês, e muito menos com o clássico de Melville, lembro tão só que a loucura tem razões que as pessoas normais legitimamente não entendem e, por isso, sempre que lhes surgir uma frase ou expressão em inglês, passem adiante e acusem o autor de pedantismo. A solução é prática e a acusação certeira.

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Diário de Bordo

28 de janeiro

Cruzar o Atlântico vai sendo rotina na direção este-oeste e vice-versa. Na norte-sul-norte ainda não. Mesmo a caminho do Rio de Janeiro, os Açores entram-me pela janela. Linguagem figurada, óbvio que a rota Nova Iorque-Rio não daria nunca para enxergar ilhas para oeste das Caraíbas. E, no entanto, andar com os Açores ao colo muitas vezes dá nisto de se me assaltarem devaneios roçando o estapafúrdio. Vi há tempos anunciada uma Presidência Aberta nos Açores. Que tal fazer uma seleção das escrevinhações que tenho por aí espalhadas em jornais e revistas e sugerir a uma editora ilhoa um volume que aproveitasse a ocasião para oferecer aos visitantes algo mais que passeios às Furnas e às Sete Cidades, ou provas de queijo de S. Jorge e ananás

encaixotado? É uma ideia com a sua idade, mas viveu até aqui latente, alimentando-se do vago. Agora parece o momento de materializá-la.

13 de fevereiro

Regressado do Brasil, telefonema para o responsável de uma nova editora na ilha. Proposta aceite. *Prepare o original o mais depressa possível.*

4 de abril

Seguiu o dito levando em título *Ilhas, Ilhéus, Ilhoas & outras Balelas* (o plano inicial era escrever «baleias», mas saiu uma gralha que acabou ficando titular) e iniciou-se o processo de publicação.

maio (sem data)

Chegam notícias sobre o livro. Não sabem ao certo se a gráfica o terá pronto dentro do prazo necessário para o lançamento poder ser incluído no programa da Presidência Aberta. Adiantam, todavia, que o próprio presidente Mota Amaral havia garantido essa inclusão, desde que o livro chegasse a tempo.

maio (sem data)

Em Lisboa, em visita em casa de amigo ilhéu. Sobre a mesa da sala, um *Diário Insular* distraído, exemplar já com algum tempo sobre si. Folheio-o e deparo com a notícia da criação do Prémio Camões: o primeiro contemplado será Miguel Torga, e recebê-lo-á nos Açores aquando da

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Presidência Aberta, que ocorrerá em conjunto com a celebração do 10 de Junho.

Na mente cruzam-se-me flechas. Chatice! No livro há um texto contendo uma crítica a Miguel Torga. Será pouco curial ter o escritor presente no lançamento, oferecer-lhe, como é da praxe, um exemplar, e ir ele depois abri-lo e deparar com esse escrito. Sem problemas lho enviaria para Coimbra, mas oferecer-lho ali é, no mínimo, deselegante. Não se trata de nenhum ataque. Numa entrevista em Coimbra a um estudante açoriano dado a jornalices, Torga pôs-se a fazer comparações de si próprio com Nemésio, do género: o homem das montanhas (leia-se Torga) vive na contemplação de serra além serra, do imenso a perder de vista, e ganha por isso uma visão universal; o homem da ilha vive nela limitado pelo mar, por isso é um homem preso e as suas vistas não enxergam muito, porque além da ilha nada se vê.

No meu breve «recado», muito polidamente chamo a atenção para o determinismo geográfico implicado num tal casamento entre o meio e a mentalidade ou, se preferirem, o imaginário. Cito como exemplo Antero de Quental, Teófilo Braga e Natália Correia, também como Nemésio nados e criados nos Açores e nada limitados pelo mar. No caso de Antero, difícil será exigir-lhe preocupações mais universais e, para ser o gigante que foi, não precisou de nascer junto ao Evereste. Nem Kant nem Einstein, génios de profundidade, tiveram por berço uma terra junto à fossa de Mindanau. Enfim, por aí fora a demonstrar que o determinismo geográfico à Heródoto, ou *à la* Montesquieu de *De l'Esprit des Lois*, e que por sinal permeia todo o livro *Portugal* do grande Torga, não resiste a um simples escrutínio crítico, a não ser que nos deixemos de rigores e entremos somente pelo domínio das metáforas. No caso de Torga, não creio que seja assim porque

REPRODUÇÃO PROIBIDA

as suas metáforas – é ele que o reclama – são bem coladas às fragas e nunca são ocas de sentido. O proverbial telurismo da sua escrita não é senão isso mesmo, narrado de modo mais erudito, ou se calhar parapoético. Coloquei, no entanto, nesse meu texto tudo acariciado a paninhos de lã. Mesmo assim, beliscar Torga, sobremodo num livro lançado em sua presença e, para mais, em festa de receção do Prémio Camões, é, convenhamos, *gauche. Tout court.*

Aviso para a ilha: *Retirem essas páginas, que não fazem falta no livro!*, e aguardo dependurado no auscultador. *Tarde de mais!* – respondem. O livro está paginado e uma alteração desse teor implicaria dizer adeus à edição a tempo de permitir lançamento na Presidência Aberta.

Resigno-me. Há de ser o que for.

Obviamente que, se escrevi e até publiquei esse pequeno texto, não é o medo de Torga que me provoca todas estas reservas. Não procurei fazer mais nada a não ser expressar um comentário crítico sobre afirmações dele. O poeta, segundo corre, é um intocável e por isso ninguém ousa beliscá-lo. Circulam mesmo rumores de efeitos desagradáveis em quem a tal se atreveu. Para os seus fãs, isso é crime de lesa-majestade. Contudo, nenhum desses fatores me impediu de manifestar as minhas discordâncias. O problema aqui é outro: sabendo-o imensamente sensível, gostaria de evitar, como já expliquei, o presentear com um livro da minha autoria contendo uma crítica a ele, logo quando o tenho a assitir à própria sessão de lançamento. É só.

maio (sem data)

A imprensa divulgou a notícia de que Mário Soares planeia oferecer um jantar à diáspora açoriana.

REPRODUÇÃO PROIBIDA